

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

*As Armas do Fidalgo:*  
A Formação Cultural de D. Francisco de Quevedo y Villegas.

Rachel Saint Williams\*

**Resumo:** Neste artigo será concedida atenção especial à formação cultural de D. Francisco de Quevedo y Villegas, esta atenção corresponde a um esforço de análise que foi considerado essencial ao processo de restabelecer à obra quevedesca sua importância histórica e, também, como uma forma de restituir à citada obra os meios que possibilitaram sua capacidade de intervenção como discurso político.

**Palavras-Chave:** Francisco de Quevedo- Cultura Política- Formação Cultural.

**Resumé:** Cet article a pour sujet l'étude de la formation culturelle de Francisco de Quevedo y Villegas. L'analyse nous permettra comprendre la spécificité de la pensée de ce personnage pour établir la valeur historique de son discours ainsi que sa spécificité philosophique et politique.

**Mots de reference:** Francisco de Quevedo – Culture politique – Formation culturelle.

Francisco de Quevedo y Villegas, filho de Pedro Gómez de Quevedo y Villegas e de María Santibáñez, nasceu em Madrid no dia 17 de setembro de 1580 e faleceu no dia 08 de setembro de 1645. Pertencia a uma família da nobreza que servia diretamente aos membros da Monarquia dos Áustrias. Quevedo respirou os ares da corte desde seus primeiros anos, no entanto, raramente esteve entre os principais do palácio. Conheceu e circulou entre muitos personagens destacados de sua época como o Conde Duque de Olivares, Lope de Vega, Velásquez, Richelieu, Miguel de Cervantes entre outros. Residiu por um período na Itália a serviço do Duque de Osuna, D. Pedro Téllez Girón, que então ocupava o cargo de Vice -Rei de Nápoles e Sicília. Foi agraciado com o título de cavaleiro da Ordem de Santiago. Em 1620 adquiriu um senhorio, resultado de um esforço exaustivo de vários anos na vila de *La Torre de Juan Abad*, pequena vila interligada a *Villanueva de los Infantes (Ciudad Real)*, ao sul de *La Mancha*.

---

\* Mestranda do Programa de Pós- Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPq.

A intenção deste pequeno relato biográfico é apenas apontar e destacar alguns eventos e datas importantes na vida deste “discreto”<sup>1</sup>, escolhido para ser nosso mestre de cerimônia no espaço social configurado pela corte espanhola sob o domínio dos Áustrias.

A atenção concedida à formação cultural do nosso fidalgo, D. Francisco de Quevedo y Villegas, foi estabelecida como forma de entender quais fundamentações estavam por trás de sua obra e, também, como forma de compreender como Quevedo estava manipulando de acordo com seus próprios interesses o substrato cultural de sua época.

O discurso seiscentista ibérico encontra-se fortemente marcado e delimitado pela capacidade de seus proponentes de dialogar com a tradição clássica através do uso de subsídios, desta mesma tradição, contíguos a elementos da religião católica contra-reformada como forma de fornecer os elementos necessários para que tais discursos sejam aceitos e autorizados socialmente.

A educação do fidalgo tem início, como aconteceu com inúmeros outros filhos de famílias nobres que habitavam o palácio da corte, com um preceptor. Entre os primeiros mestres e aios dos quais Quevedo esteve sob os cuidados podemos apontar García de Loaisa, Juan de Zuñiga e Cristóbal Rodríguez<sup>2</sup>.

Após o aprendizado das primeiras letras seguiram-se estudos de história, gramática e retórica a partir de uma cuidadosa seleção dos textos latinos. Aos catorze anos de idade, em 1594, Quevedo ingressou num Colégio da Companhia de Jesus onde esteve por dois anos. Entre alguns personagens que estiveram presentes na educação de Quevedo durante os anos em que ele esteve no Jesuíta em Ocaña, podemos apontar o padre Jerônimo o padre Román de la Higuera, seu professor de latim, e o padre Francisco Porto Carrero, filho do Conde de Medelín, na época reitor do Colégio. A base gramatical era a gramática do jesuíta Manuel de Alvarez e o manual de retórica mais usado era o de Cipriano Suárez.

A maneira sob a qual acontecia ou deveria acontecer o aprendizado dos filhos da nobreza não era um assunto que encontrava como eco uma opinião coesa; muito pelo contrário, existiam grandes polêmicas a respeito do tema em questão. Juan de Mariana, famoso por suas opiniões em relação ao tema do tiranicídio, defendia que os jovens fidalgos

---

<sup>1</sup> Emprega-se aqui epíteto de discreto para Quevedo de acordo com a reflexão de João Adolfo Hansen sobre o discreto definido como a representação ibérica do ideal de cortesão católico contra reformado. Definido como figura ou personagem de interlocução, ver HANSEN, João Adolfo. *O Discreto*. In: ADAUTO, Novaes (org). *Libertinos e Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 77- 102

<sup>2</sup> Quase todas as informações relativas à educação e a formação cultural de Quevedo foram retiradas da cuidadosa biografia de Pablo Jauralde Pou, que foi feita após um minucioso trabalho nos arquivos e bibliotecas espanholas e é uma das fontes mais autorizadas para fornecer dados confiáveis sobre a vida de D. Francisco. Ver: JAURALDE, Pablo Pou. *Francisco de Quevedo y Villegas (1580-1645)*. Madrid: Editorial Castalia, 1998.

deveriam frequentar instituições públicas e abertas; Pedro López de Montoya defendia o ensino da gramática em latim e ressaltava a necessidade dos estudos de retórica e filosofia moral através de passagens de Horácio, Virgílio, Terêncio, Homero, Hesíodo, Cícero e Tito Lívio.

As atividades essenciais à cultura educacional da época eram as chamadas *exercitaciones*, que formavam a base da cultura literária do período e consistiam na prática de produzir os mais diversos gêneros retóricos poéticos do período; outra atividade era a realização de treinamento para formular comentários, de acordo com Pablo Jauralde Pou: “*Así se cerraba el círculo de la educación, integrándose y consolidándose en el sistema, aventura intelectual perfectamente controlada, que Quevedo aprendió pero que muy bien*” (JAURALDE, 1998. p. 59).

Os anos de educação de Quevedo no Colégio dos Jesuítas foram motivo de orgulho de nosso autor, que, ao longo de sua vida, continuou a dar valor àqueles anos de estudo e se utilizou dos contatos ali feitos como arma de manobra política, como em 1926, num momento em que os jesuítas exerceram grande influência nos círculos de poder. Em um momento posterior, em 1639, D. Francisco foi feito prisioneiro e permaneceu encarcerado na torre em *San Marcos*, solicitando o apoio do Padre Pimentel.

Pode-se identificar também um contato importante realizado neste primeiro ciclo de estudos que Quevedo realizou; trata-se de Francisco Paravicino, que se tornaria um importante pregador<sup>3</sup> na corte de Felipe IV e foi um grande amigo de D. Francisco nesta época escolar.

Apesar de ter se referido durante toda sua vida com orgulho e deferência sobre seus primeiros anos escolares, Quevedo, em seus anos finais, criticou a educação dos jovens que, segundo ele, se concentraria mais nos formalismos da época que na realização integral do homem.

Apesar de ter tratado haver se referido durante toda sua vida com orgulho e deferência sobre seus primeiros anos escolares, Quevedo em seus anos finais criticou a educação dos jovens que segundo ele se concentraria mais nos formalismos da época que na realização integral do homem.

Tal crítica pode ser entendida como uma tentativa de resgate da formação humanística, onde o objetivo da educação clássica seria possibilitar o ingresso dos homens na

---

<sup>3</sup> Para saber sobre a importância da pregação no período em questão, ver: MARAVALL, José Antonio. *Teoría de Estado en España en el siglo XVII*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1997

vida pública; de acordo com a perspectiva ciceroniana,<sup>4</sup> onde grande valor seria concedido aos estudos de retórica e principalmente de filosofia moral. Esses saberes no entanto deveriam estar relacionados com a vida prática, “*realizando-se como um cidadão mais do que como um mero sábio*” (JAURALDE, 1998. p. 109.).

O objetivo fundamental da educação segundo Cícero, seria desenvolver a *virtus*, o homem virtuoso; esta concepção se encaixa perfeitamente na opinião de Quevedo, que através de seus escritos tentava mobilizar a nobreza para que esta resgatasse fundamentalmente seus valores relacionados à Honra. Podemos ver a importância concedida aos estudos e à erudição nesta passagem de *Marco Bruto*:

*“Puede el hombre con ardimiento y con bondad ser valiente y virtuoso; pero faltándole el estudio, no sabrá ser virtuoso y ni valiente. Mucho falta a uno que es lo outro y lo outro, si no lo sabe ser”*(MARIN,Luis Astrana, 1941.p.1345)

Fechado este primeiro ciclo educacional tão indicativo de várias questões que assumirão posteriormente suma relevância na vida e na obra de nosso autor, iremos adiante para a analisar seu ingresso como na Universidade Alcalá de Henares em 20 de outubro de 1596.

Durante os quatro anos em que Quevedo cursa a Universidade Alcalá de Henares inúmeros eventos significativos tomarão lugar na trajetória de sua família e na corte. Podemos indicar alguns deles na instância familiar, como: a entrada de sua irmã no Convento das Carmelitas Descalças de Madrid com um dote considerável; a morte de sua avó Felipa de Espinosa em 24 de abril de 1599; o falecimento de sua mãe María Santibáñez em 07 de dezembro de 1599, no palácio real; o casamento de sua parenta Ana Diez de Villegas com um alto funcionário palaciano Agustín de Villanueva, que iria se tornar, após a morte da mãe de Quevedo, o curador dos bens do primogênito da família dos Quevedo y Villegas, D. Francisco.

Em relação à corte, o período universitário de Quevedo coincide com os anos finais da enfermidade do monarca Felipe II e o conseqüente declive final de seu reinado. Registra-se nos depoimentos do período um sentimento de piedade pelo monarca enfermo chamado de “*nuestro segundo Job*”. Sua morte data de 13 de setembro de 1598. Com a morte de Felipe II os grupos na corte que detém o poder vão se reajustando de acordo com a queda do antigo soberano e com a futura consagração do novo monarca Felipe III.

---

<sup>4</sup> Pode-se compreender melhor a importância da educação na recuperação dos valores clássicos através da leitura da famosa obra de Quentin Skinner. Ver: SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

É no período universitário que Quevedo dá início à sua atividade literária e a seu esforço em se fazer reconhecer como um escritor. Um dos artificios manipulados para obtenção do reconhecimento social como escritor, principalmente no ambiente da corte, era preludiar os livros de outros autores. Ele perseguiu este intento e preludiu o livro de Lucas Rodriguez, *Conceptos de Divina Poesia*. Quevedo foi provavelmente conhecido como poeta em Alcalá de Henares e também teria sido conhecido pelo seu engenho verbal e por suas habilidades como conversador.<sup>5</sup>

A Poesia desta época encontrava-se marcada por um clima conceptista e sacro que dominava em grande parte a produção do período. Quevedo provavelmente teve acesso a alguns livros de forte inspiração religiosa, como as obras de Francisco Calero, Frei Juan Raulín, Maximiliano Calvi, Jeronimo Calvo, Frei Marco Antonio de Camo, Jeronimo Campos, Frei Andrés Capilla e Juan de Castañiza. Essa preocupação religiosa na década final do século XVI estava acompanhada pela ascensão da influência da doutrina neoestoicista.

Francisco de Quevedo y Villegas obteve o grau de licenciado em teologia na data de 16 de dezembro de 1599; o catedrático em teologia em Alcalá na ocasião era Luis de Montesino. Seus anos de estudo em Alcalá correspondem aos anos em que o plano de estudos daquela Universidade estava sendo executado de acordo com a reforma do bispo Gómez Zapata, que perdurou até 1603. Patricia O’Connell investigou e publicou um plano de estudos daquele período de acordo com a reforma de Zapata, plano este é profundamente ilustrativo e significativo para compreender a formação acadêmica dos bacharéis da Universidade de Alcalá, vamos a ele:

*“(...) el primer curso de artes, desde San Lucas hasta fin de diciembre, lean todas las súmmulas de Pedro Hispano, leyendo solamente la letra si outra cosa ni comento de autor, y que no se lean cuestiones prohemiales al principio de la lógica ni después. Y desde primero de enero hasta fin de abril, Perihermenias, con solo el comento de Santo Tomás, y los Piores, com el comento que al rector y consiliarios paresciere; y que los examinadores de las collegiaturas de artes examinen a los opositores en lo que hasta allí oído, y no en otra cosa. Y desde el principio de mayo hasta San Lucas, se lean Tópicos, y Helenchos, y que lo que uma vez hubiere leído no se pueda tornar a leer outra, excepto las summulas, que como se lean y acaben em el tiempo que está dicho, y que no dejando de leer lo que más está señalado, las podrán tornar a leer en lición ordinaria o extraordinaria, como a los catedráticos paresciere para el provecho de susoyentes.*

*Segundo Año:*

*Ítem, que el segundo año, desde San Lucas hasta diez de y ocho de abril, se lean Predicables, sin las cuestiones prohemiales, y Predicamentos y Posteriores, com comento; y las cuestiones de Soto; y desde diez y ocho de abril hasta hasta San Lucas, los dos libros de la Phisica, com comentarios y cuestiones de Soto.*

*Tercero Año:*

*Ítem, queen el tercero año, desde San Lucas hasta el fin de enero, se lean los seis libros de la Phisica por Soto, y se acaben todos; y desde de principio de hebrero*

<sup>5</sup> Esta hipótese foi formulada por Pablo Jauralde Pou em seu estudo biográfico sobre a trajetória de Quevedo.

*hasta vacaciones, los cuatro libros De coelo, com comento de San Tomás; y desde el fin de vacaciones hasta San Lucas, Meteoros.*

*Cuarto Año:*

*Ítem, que el cuarto Año se lean los libros De Generationes y De Anima, y Parvos Naturales y Metaphísica, em esta manera: que desde San Lucas hasta fin de diciembre todas las tres liciones sean de Filosofia Natural, y que desde allí hasta el fin de hebrero, las liciones de Natural, a la mañana, y una de Metaphísica, a la tarde, y que todo eso se lea por Aristóteles, com los comentadores que la Rector y consiliarios paresciére, los cuales han de señalar cuando senñalaren las lecturas; y que el cathedrático que no guardar ela orden que aquí va puesta en todos los años, pierda la tercera parte de su cátedra por cada vez que paresciére no haberlo hablado, y della lleve el denunciador la cuarta parte.*

*Ítem, que los dichos libros y lecturas sean obligados los regentes a los leer por el texto de Aristóteles, declarándoles el texto y la letra, y ordenándosela de manera que la entiendan, y sacando los notables y cuetiones convinientes para que mejor se entienda, y la lea proporcionalmente, no se wntreteniendo, no apresurando en ningún tiempo más de lo que convenga” (O’CONNELL, Patricia, 1998. pp 109-110.)*

Pode-se constatar uma grande influência dos textos de Aristóteles acompanhada de comentários de São Tomás de Aquino ou de Domingos de Soto. Certamente Quevedo conheceu em profundidade todas essas obras, mas certamente não foram estas as únicas obras a que o fidalgo teve acesso.

A inquietude intelectual de D. Francisco se faz presente quando analisamos o escopo de erudição que sustenta algumas de suas obras, como por exemplo *España Defendida*, obra que foi escrita como uma tentativa de resgatar a glória dos domínios espanhóis. Nela são manipulados vários artifícios para valorizar a Monarquia Castelhana e entre eles artifícios podemos destacar a história do reino, a beleza da língua e a honra dos monarcas.

A erudição de Quevedo é um aspecto em sua obra que desperta a atenção e que não passou despercebido por seus contemporâneos, como fica evidente na afirmação do erudito aragonés González de Salas “*poeta alguno espanhol versado más, em que los viven, de hebreos, griegos, latinos y franceses de cuyas lenguas tuvo buena noticia, y dinde a sus versos trujo excelentes imitaciones*”(JAURALDE, 1998. p. 874).

Quevedo era um polígrafo. Tinha à capacidade de se expressar em diversas matérias e transitar pelos mais distintos gêneros, anexando em seu discurso doutrinas das mais diferentes áreas do saber. Ele se esquivava do silêncio e em várias ocasiões sua falta de habilidade em calar-se, por escrito, foi motivo de punição, como no desterro da corte, na prisão em *San Marcos* e quando seu nome figurou na lista do *Index*. “*Peligrosos y delincuentes son los hombres que tienen el corazón charlatán y muda la lengua*”( MARIN, 1941. p.1244.). Este era o depoimento de Quevedo sobre a falta de capacidade de expressão dos homens.

Latim, hebraico, grego, italiano, francês, português, eram línguas as quais o autor dominava. Cultura Patrística, conhecimentos filológicos eram saberes que o fidalgo possuía. Foi constado pelos pesquisadores<sup>6</sup> da obra de Quevedo sua aptidão em utilizar citações e fontes de línguas estrangeiras.

Um traço importante das produções letradas dos seiscentos era a tendência parafrasedora, ou seja, a não reprodução de citações literais, como esclarece Raul A. Del Piero: “*El procedimiento más habitual de nuestro escritor es reducir em caudal informativo los corriespondientes pasajes latinos y amplificarlos a la vez retoricamente, haciendo galás de elocuente dicción*”(PIERO, 1993. p.107). O processo de criação escrita seiscentista encontrava-se fartamente pautado na emulação, que englobava práticas de glosa e comentários.

A aprendizagem e a boa manipulação do latim eram naquela sociedade um elemento fundamental; em outras palavras, o latim era o saber necessário para que o sábio pudesse se expressar. O latim era um saber extremamente necessário porque era o passaporte indispensável para o ingresso no mundo dos saberes da Antiguidade Clássica e de um passado recente fortemente marcado pela cultura humanística.

Quevedo utiliza sua formação latina como a expressão de sua erudição, e, ainda, como elemento distintivo de seu pertencimento, ou sua vontade de pertencimento, a um grupo de sábios nos moldes humanistas, como pode-se perceber analisando seu epistolário com Justo Lipsio, todo ele lavrado em latim.

No caso de Quevedo o aprendizado de outras línguas vernáculas esteve associado as questões de sua trajetória enquanto cortesão. A língua francesa era por ele utilizada com certa desenvoltura como demonstram as anotações autografadas em obras francesas em exemplares que foram de sua propriedade; este aprendizado foi facilitado pelo fato de que sua mãe, avó e tia foram acompanhantes de uma princesa francesa. O príncipe Felipe III estava também tomando lições de francês dobre a tutoria de Jean L’Hermitte, o que era um motivo de orgulho do rei Felipe II e deveria inspirar os cortesãos e nobres a adotar o mesmo procedimento.

Em se tratando do domínio da língua portuguesa podemos objetivamente apontar como possível explicação para o fato a relação de seus avós com os representantes da coroa portuguesa na Corte de Felipe II e a renda que possuíam nos portos secos de Portugal. Preferimos acreditar porém, que o domínio de Quevedo sobre a língua portuguesa se deve ao

---

<sup>6</sup> Jauralde destaca Carlos Clavería, Antonio Vives Coll, Gaetano Chiappini, Eustaquio Sánchez Salor, A. Martínez Arancón, Paul Julian Smith e Victoriano Roncero.

multilinguismo cultural da península Ibérica, fato registrado por inúmeros pesquisadores como Jean- Frédéric Schaub<sup>7</sup> e Ana Isabel Buescu<sup>8</sup>.

Já o aprendizado do italiano se deve obviamente aos anos em que Quevedo esteve na Itália, principalmente na Sicília e em Nápoles, prestando serviços ao Duque de Osuna, D. Pedro Téllez Girón, que foi Vice-Rei das duas possessões citadas.

Um estudo sobre a formação cultural de Quevedo ficaria bastante incompleto se não mencionasse a importância da filosofia neoestoica na obra de nosso autor. Em um artigo denominado *El Neoestoico* elaborado em parceria por Henry Ettinghausen, Karl A. Bluer e José M. Balcells, estes autores marcam como período principal de clara influência do filosofia estoica na obra de Quevedo o período de 1639- 1643. Acreditamos porém que a concepção deste autores sobre o aspecto neoestoico de Quevedo é por demais caracterizada por interpretações subjetivas e psicologizantes, visto o argumento que é dado pelos autores de que para Quevedo o ideal estoico da impertubabilidade funcionaria tal qual um escudo frente às adversidades de sua trajetória. A influência do pensamento estoico na obra em questão vai muito além disso.

O neoestoicismo é uma característica marcante nos escritos de Quevedo explicitada através da relevância concedida aos temas como: o conhecimento de si mesmo, o desengano como idéia de desilusão e as reflexões sobre a morte. Apesar da evidente presença do pensamento estoico de Quevedo, este se encontra sempre em tentativa de conciliação com os ensinamentos da tradição Católica Contra Reformada. Em sua vastíssima obra muitos temas são contemplados e entre os mais polêmicos podemos destacar: o suicídio, as sátiras de costumes, a atitude frente à morte<sup>9</sup>, e etc.

A atenção concedida à formação cultural de D. Francisco de Quevedo y Villegas teve como objetivo de entender como o fidalgo estava se esforçando para adquirir os elementos necessários para criar sobre si mesmo uma imagem de escritor ingenioso e sábio que lhe auferisse crédito e respeito perante os olhos dos membros integrantes de seu grupo, a nobreza, e que lhe conferissem assim formas de pugnar socialmente; fosse através da obtenção do protetorado de um mecenas poderoso, fosse através da obtenção um cargo ou

---

<sup>7</sup> **SCHAUB**, Jean- Frédéric. *Portugal na Monarquia Hispânica (1580- 1645)*.

<sup>8</sup> **BUESCU**. Ana Isabel. *Memória e Poder- Ensaios de História Cultural( séculos XV- XVII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

<sup>9</sup> Nos seus escritos chamados *Sueños*, Quevedo trabalha as idéias de uma realidade extra mundana nos domínios além da existência corpórea. O papel da morte assume nestes escritos um valor fundamental pois ela é quem desvenda os embustes das falsas aparências e também através dela que existe a possibilidade da justiça. Em “*El Sueño de la Muerte*”, a Morte assume o papel de tutora e guia do personagem principal em suas andanças pelo Inferno.



uma posição de destaque na corte castelhana. Finaliza-se esta posição com um trecho<sup>10</sup> de *Marco Bruto* de Quevedo ilustrativo da importância que o fidalgo concedia à erudição:

*“En los más ilustres y gloriosos capitanes y emperadores del mundo, el estudio y la guerra han conservado la vencidad y la arte militar se há confederado com la lección. No há desdeñado em tales ânímos la espada a la pluma. Docto símbolo de esta verdad es la saeta: com la pluma vuela el hierro que ha de herir. Pero muchos sean ejemplo Alejandro el Grande y Julio César. Alejandro oyendo la Iliada de Homero se armaba el ánimo y el corazón. Sabia que sin esta defensa, em el cuerpo la loriga y el escudo y la celadaeran peso modesto y una confesión resplandeciente y gabada del temor del espíritu. Cuerpo que no le arma su corazón, las armas le esconden, mas no lo arman...” (MARIN, 1941. p.489.)*

---

<sup>10</sup> Deste trecho outros aspectos, de suma relevância, como o valor do belicismo para a nobreza e a importância da guerra para a manutenção e conservação da Monarquia, podem ser destacados, porém, esta digressão será feita em um momento posterior desta dissertação.